

BEZERRA, Raíssala. **Criações performativas a partir da relação do artista com o espaço da cidade.** João Pessoa: UFPB. Graduanda em Bacharelado em Teatro – UFPB; Pesquisadora/Bolsista do PIBIC - UFPB (IC) 2020/2021.

CRIAÇÕES PERFORMATIVAS A PARTIR DA RELAÇÃO DO ARTISTA COM O ESPAÇO DA CIDADE

RESUMO

Nesse texto, compartilho a pesquisa intitulada: “Criações performativas a partir da relação do artista com o espaço da cidade”. Enquanto atriz-performer, busco refletir sobre novos formatos de práticas artísticas na cena contemporânea. Durante esse processo, foram realizadas investigações, buscando estabelecer as principais relações teóricas, com reflexões apontadas por Eleonora Fabião, André Carreira, Vinícius Lírio, Verônica Veloso, Paulina Caon e Francesco Careri. A metodologia é pautada nos estudos de Sylvie Fortin, trazendo a auto-ethnografia como impulsionadora para a criação de procedimentos de registros e investigações próprias. Fortin fala sobre o cruzamento de experiências de auto-percepção com as reflexões teóricas nesse método. O contexto pandêmico prolongado, deu abertura para investigar mudanças nas práticas artística na cidade. Concluo que as limitações referentes às recomendações da pandemia, possibilitam a investigação de novas configurações criativas para a cena artística contemporânea na rua.

Palavras-chave: Atriz. Criação Performativa. Cidade. Contexto Pandêmico.

PERFORMANCE CREATIONS FROM THE ARTIST'S RELATIONSHIP WITH THE CITY SPACE

ABSTRACT

In this text, I share the research entitled: "Performative creations from the artist's relationship with the city space". As an actress-performer, I seek to reflect on new formats of artistic practices in the contemporary scene. During this process, investigations were carried out, seeking to establish the main theoretical relations, with reflections pointed out by Eleonora Fabião, André Carreira, Vinícius Lírio, Verônica Veloso, Paulina Caon and Francesco Careri. The methodology is based on the studies of Sylvie Fortin, bringing self-ethnography as a driver for the creation of procedures for records and investigations of their own. Fortin talks about the intersection of self-perception experiences with theoretical reflections in this method. The prolonged pandemic context, gave openness to investigate changes in artistic practices in the city. I conclude that the limitations related to the recommendations of the pandemic, allow the investigation of new creative configurations for the contemporary artistic scene on the street.

Keywords: Actress. Performative Creation. City. Pandemic Context.

INTRODUÇÃO

De cunho teórico-prática, essa pesquisa foi realizada tendo como objeto de estudo as possibilidades de realizar criações performativas na rua, considerando o contexto pandêmico como impulsionador para reflexões da cena artística nesse momento.

O plano de trabalho dessa pesquisa propunha investigações criativas na rua, trazendo algumas reflexões sobre o contexto pandêmico. Relacionando com estudos da Performance (FABIÃO), a Cidade como Dramaturgia e o Teatro de Invasão (CARREIRA). Ao longo dessas experimentações, outros autores foram adentrando ao aparato teórico: Francesco Careri, Verônica Veloso, Paulina Caon e Vinicius Lirio, com estudos voltados para o ato de caminhar como prática artística e Daniele Santos, com estudos sobre o Teatro de Invasão.

Existiram três momentos de experimentações que foram significativos para a pesquisa. Destaco que essas vivências foram feitas com o uso de máscara e distanciamento social, de acordo com as recomendações feitas pela Organização Mundial da Saúde.

Essas recomendações, contribuíram para os questionamentos perante as observações durante o primeiro experimento, que foi realizado na cidade de João Pessoa - PB, entre os meses de outubro e novembro de 2020.

A segunda experimentação foi realizada na cidade de Crato - CE, durante o mês de fevereiro de 2021. Através do Festival *A Cidade Precisa de Você*, estabeleceu-se trocas com o Coletivo Teatro Dodecafônico, que tinha a proposta de investigar derivas possíveis em tempos de distanciamento social.

A terceira vivência, também foi realizada no Crato, durante os meses de abril e maio de 2021. Foi possibilitada através do Grupo de Investigação em Dança Radar ¹, no qual sou integrante. O mesmo participou de um intercâmbio com dois grupos de pesquisa em artes cênicas da Colômbia.

¹ Linha de pesquisa Radar 1 - Grupo de Investigação em Dança. Possui a prática como impulsionadora da pesquisa, buscando continuamente relacionar a prática com a teoria, acerca da improvisação/composição em dança e os aspectos da rua/cidade relacionados com a criação artística.

Nesse encontro, as atividades estavam pautadas em trocas relacionadas a caminhadas e atravessamentos do contexto, em que cada estudante e professores coordenadores dos respectivos grupos de pesquisa estavam inseridos.

Essa temática tem gerado reflexões e diálogos na cena contemporânea. Como citado, alguns grupos e coletivos, com passos cuidadosos, tem investigado essas experimentações com limitações, trazendo possibilidades para novas configurações de criações artísticas na rua nesse contexto.

É de grande relevância que os atravessamentos e contextos viventes façam parte da formação do artista, para possibilitar reflexões críticas sobre o papel do curso de artes dentro do campo universitário e fora dele.

As perguntas da pesquisa focavam na criação através das relações entre a artista e o espaço da cidade. Como se davam essas relações? Era possível refletir o papel da artista através da arte na rua?

Com a permanência do contexto pandêmico, através das experimentações práticas, outras perguntas foram norteando as reflexões da pesquisa: Por que as pessoas não usam máscara? Como é estar na rua enquanto atriz/performer com a pandemia? Qual performance na rua é possível na pandemia? É possível propor respostas para essas perguntas diante as práticas e teorias presentes nessa pesquisa.

Performar na rua por meio de relações, é buscar criar fissuras, mesmo que momentâneas nos espaços, é promover diálogos e reflexões. Reflito sobre um fazer artístico na rua nesse momento, que não utiliza tanto o contato tático com o espaço. Busca novas formas de dialogar, como por exemplo: usar o olhar (mesmo a distância) para “falar”, usar gestos, usar materiais, como placas, para transmitir algum questionamento, usar a fala. Também foi possível compartilhar essas reflexões e performances nas mídias digitais.

Os objetivos da pesquisa tinha como base realizar leituras e experimentos buscando investigar os diferentes atravessamentos da cidade para a criação performativa. Objetivou-se sistematizar as informações das vivências ao longo do processo, compartilhar performances, nesse momento de forma virtual, atualizar os modos de investigação e mapeamento da rua nesse tempo pandêmico.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nessa pesquisa, foram realizadas leituras sobre a temática e experimentos artísticos. O cruzamento dessas investigações resultaram em reflexões. A metodologia é pautada no conceito de auto-etnografia (FORTIN, 2009), que traz a auto-percepção

da artista, ou seja, as relações da experiência e o contexto cultural para a prática da pesquisa. Para Fortin: “A corporeidade do pesquisador, suas sensações e suas emoções sobre o campo, são reconhecidas como fontes de informação” (FORTIN, 2009, p. 81).

A auto-ethnografia é adotada por um número crescente de pesquisadores que tem como base a prática nas artes. A autora propõe o exercício da pesquisa prática, com a criação de seus próprios protocolos de sistematização, registros e tratamento de informações. Segundo Fortin, esses dados são de certa forma, materiais gerados onde pode se desdobrar a escrita.

No processo dessa pesquisa, através de um diário de bordo, escrevi relatos e poesias que fizeram parte dos experimentos práticos. Foram feitos registros através de fotos, vídeos, desenhos e mapas. Foi feito um site para compartilhamento do processo da pesquisa. Juntamente com o Grupo de Pesquisa Radar 1, foi se estabelecendo trocas, reflexões e criações práticas. Em encontros que aconteciam no formato online, entre todo o período da pesquisa.

Os registros e experiências refletem sobre a criação performativa na rua nesse contexto e sobre a perspetiva da atriz criadora, buscando se posicionar sobre questões sociais, políticas e culturais. Reverberando reflexões sobre os espaços que a artista perpassa e sobre seu papel de “complicadora cultural” na sociedade, como propõe Eleonora Fabião.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes da pandemia, era possível estar nas ruas e investigar o contato tático com os espaços, era possível criar relações de proximidade com as pessoas passantes. Com o início da quarentena, essa possibilidade foi limitada pelas recomendações da Organização Mundial da Saúde. No período que se realizaram experimentações e observações na rua, os decretos estavam mais flexíveis, mas ainda com a necessidade de tomar os cuidados necessários frente a situação.

O primeiro experimento prático dessa pesquisa foi feito na cidade de João Pessoa - PB, entre nos meses de outubro e novembro de 2020. Essa investigação prática-teórica, resultou na construção de um artigo que reflete sobre a investigação de estar artisticamente na rua e os comportamentos dos transeuntes dos bairros do Centro e Mangabeira I no período pandêmico.

O trabalho intitulado: “Por que as pessoas não usam máscara?” foi apresentado de forma online e submetido no X Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas 2021.

Esse Simpósio é um evento da Jornada Internacional Atuação e Presença, promovido pelo LUME – UNICAMP.

Esse experimento performativo teve como procedimento, caminhar pelos arredores do mercado público do Centro e Mangabeira I, com a intenção de perceber enquanto atriz-performer, os estados corporais que surgiam após meses sem estar na rua. Foram surgindo reflexões sobre os comportamentos dos transeuntes em relação as recomendações para evitar a proliferação do Coronavírus.

A ação performativa foi sendo explorada a cada troca na rua. Esse procedimento de caminhar com alguma intenção, é trazido por Eleonora Fabião (2009), como um programa performativo, para ela, o programa é um ativador de experiência.

A experiência foi sendo alimentada pelas afetações do meu corpo com a rua nesse contexto pandêmico. Fabião diz que a performance é uma resposta momentânea sobre questões relacionadas a: que corpo é esse? O que ele move? O que pode mover?

Com a busca de investigar o retorno desse corpo na rua, essas questões estavam presentes na ações performativas feitas nesses locais. No processo dessas caminhadas,

o foco das observações se deu, após as afetações das relações com a rua. Para Vinícius da Silva Lírio (2019), essas caminhadas “aleatórias” determinam as imagens, as situações, os discursos e o formato desses experimentos. Foram surgindo estados

de tensão, preocupação e questionamentos sobre a pandemia. Surgiram também algumas questões relacionadas com o direito de estar do corpo feminino na rua.

Nesses trajetos, senti a necessidade de fazer movimentos de deslocamento exagerados (passos largos e com velocidade). Intercalando essas caminhadas entre a calçada e o canteiro da pista dos automóveis, procurando se afastar das pessoas que não usavam a máscara ou usavam incorretamente. Buscando evidenciar esse distanciamento e questionando as pessoas com a pergunta feita com diálogo direto e por meio do olhar: “Porque você não usa máscara?”

Através dessa presença, que é extracotidiana em relação as regras pré-estabelecidas desses espaços, trago o conceito de “ator invasor”, mencionado por André Carreira (2011), onde nas próximas menções dessa definição feitas por mim, trarei como “atriz invasora”. Essa invasão procura criar fissuras na rotina da cidade. Carreira diz:

A presença deste “ator invasor” é o ponto inicial da transformação da rotina. O reconhecimento de sua condição extracotidiana é um elemento fundamental (...). Pode-se pensar essa presença como algo que possa ser

identificado como um deslizamento dos códigos cotidianos, uma dobra daquilo que reconhecemos como normal em nossa rotina diária. A presença cênica pode ter um sentido mais provocativo do que informativo. Pode ser algo que exige atenção, sem, de fato, convocá-la de forma direta. (CARREIRA, 2011, p. 20-21).

Por meio dessas provocações diretas e indiretas para os transeuntes, me reconheço como atriz invasora, conceito que é flexível em relação as criações artísticas da cena contemporânea. Através das observações nas caminhadas, percebi que para algumas pessoas, era natural a aglomeração sem máscara. E trazer esse estado de questionamento, era uma ação que não parecia ser rotineira para os ambientes, como propõe Carreira.

Ainda trazendo apontamentos de André Carreira, destaco que nesse experimento, a cidade foi considerada como dramaturgia. O autor afirma que nessa invasão, o artista toma o espaço urbano como matéria para seus processos criativos. Os diversos significados da dinâmica urbana que estão ali antes da intervenção artística acontecer, possui uma força intensa que interfere na performance.

Essa “invasão”, tendo como base os estudos de Carreira, é citada por Daniele Santos (2016) como um rompimento do cotidiano e da ordem estabelecida na cidade. Ainda mencionando Carreira, Daniele (2016) destaca que essa intervenção artística possibilita deslizamentos momentâneos na lógica pré-estabelecida da cidade, que podem subverter os mecanismos cotidianos.

Nessa experimentação na cidade, Carreira diz que o ator: “Invade, ainda quando não se sente invasor, e está ali ocupando uma zona à qual é um estranho e com a qual tem um diálogo que não é simples” (CARREIRA, 2011, p. 17).

Compartilho alguns diálogos que se estabeleceram durante essa “invasão”: algumas trocas geravam estados de estranhamento no público, exemplificando, as pessoas olhavam e não respondiam a pergunta que eu fazia (Por que você não usa máscara?), outros viravam o rosto, simplesmente me ignoravam.

Alguns refletiam e subiam a máscara que estava no queixo ou no nariz. Com os movimentos de afastamento perceptíveis de pessoas sem máscara, destaco uma situação, onde um transeunte parou e ficou olhando, com expressão de curiosidade. Foram diálogos onde essa sensação de invasão esteve presente.

Essa experimentação performativa, possibilitou novas criações relacionadas ao registro desses acontecimentos. Vinícius Lírio (2019) discorre que a experimentação/ação performativa com abertura para as inesperadas relações e interações com a cidade, pode disparar outras criações, sejam elas escrituras, mapas,

etc. Através das reverberações do experimento, trago as criações dos mapas e um registro feito pelo artista Roger Ferreira, que acompanhou um trajeto feito em Mangabeira I:

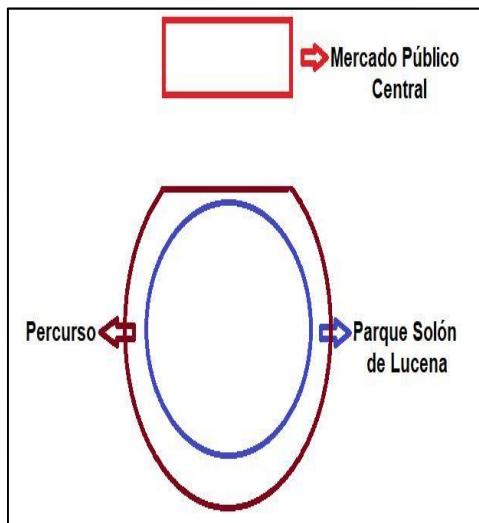


Figura 1. Mapa do percurso do Experimento no Centro de João Pessoa - PB

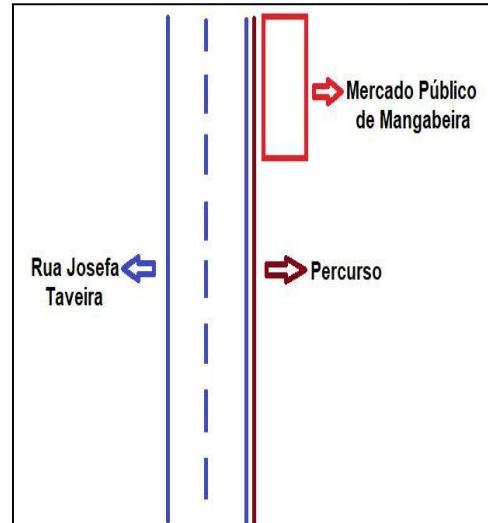


Figura 2. Mapa do percurso do Experimento em Mangabeira I, João Pessoa - PB



Figura 3. Caminhada na Rua Josefa Taveira, Mangabeira I, João Pessoa - PB

O segundo experimento, foi feito com a mediação do Coletivo Teatro Dodecafônico, que tem uma pesquisa prática voltada para “um estado de corpo errante”, com a criação de procedimentos para se perder e jogar no espaço urbano. As oficinas aconteceram no formato online e foram mediadas por Beatriz Cruz, Ierê Papá, Monica Galvão e Olívia Niculitcheff, integrantes do coletivo.

Foram três dias de encontros, onde os integrantes do coletivo, tinham como procedimento investigativo, travessias individuais na cidade que cada um estava,

durante um tempo estabelecido. Cada travessia era organizada em um programa de ação, que continha um título, um pequeno texto e era dividido em três partes.

O programa de ação proposto pelo Coletivo, também é explorado em dois processos criativos compartilhados por Lírio (2019), no trabalho “Corpos (s) em Deriva: entre passeios performativos e cena expandida”. Nas duas poéticas vivenciadas por Lírio, foi usado o Programa Performativo como procedimento para essas caminhadas e composições.

Como já citado, a pesquisadora Eleonora Fabião tem o programa performativo como impulsionador para suas experimentações, para ela, o programa performativo: “é compreendido como “motor da experimentação” – enunciado que norteia, move e possibilita a experiência.” (FABIÃO, 2013, p. 1). Na apresentação inicial de como seriam os encontros, o coletivo citou como referência para seus programas de ação, a pesquisadora Fabião.

Exemplificando esse programa de ação proposto pelo coletivo, compartilho o programa do primeiro encontro: a primeira parte do programa de ação, era para observar as palmas das mãos e traçar dois percursos possíveis, um em cada mão, como mapas; a segunda parte, para escolher um dos mapas, registrar por meio de foto, fazer a caminhada (30 min.) tentando perceber as camadas do tempo na cidade, no final do trajeto olhar para o desenho na mão e profetizar alguma coisa que o caminho mostrou; a terceira parte, para retornar para casa e fazer uma escrita automática.

Esse procedimento de escrita automática, foi algo que aprendi por meio desse processo. A escrita automática proposta pelo coletivo, seria para escrever tudo o que vinha nos pensamentos em relação a deriva, sem necessariamente seguir alguma lógica. No segundo encontro, o registro da deriva se deu por meio de desenho e criação de narrativa em relação ao desenho. No terceiro, houve a criação de um mapa psicogeográfico, onde por meio de colagens, cores, uso de materiais, etc., se representou as experiências sensitivas que se teve pelo caminho.

Ter contato com esses procedimentos de registro propostos pelo coletivo, foi uma experiência importante, pois deu abertura para se pensar em novos formatos de registrar os atravessamentos vivenciados com a rua.

As caminhadas que aconteceram no bairro São José, zona rural da cidade de Crato, não estabeleceram tantos diálogos com pessoas, como no experimento feito em João Pessoa. Por está numa zona rural, tive muito contato com natureza.

Trago uma reflexão de Verônica Veloso e Paulina Caon, integrantes do Coletivo Dodecafônico, que tem relação com os resultados dessas caminhadas: “(..) derivas e travessias também reconstroem o território (...), sem, no entanto resultar em uma performance visível.” (VELOSO; CAON, 2018, p. 78). Essa reflexão me faz pensar sobre as ações performativas desse experimento, que não estavam necessariamente perceptíveis no momento da execução. E que moveram sensações que foram partilhada por meio de registros após finalizar a caminhada.

Francesco Careri (2013) defende que essas caminhadas são uma forma de intervenção artística. Acredito que realizar essa intervenção artística no bairro, experimentando estados de relaxamento em contato com a natureza, resultaram numa camada da pesquisa, que me fez perceber diferenças das sensações corporais e estados da cidade urbanizada para o campo.

Nesse processo, foram surgindo questionamentos ligados a como estávamos gerindo os cuidados com a natureza e como esse contato possibilitava realizar travessias que se relacionaram com os aspectos da natureza na rua. Esses experimentos trouxeram ainda reverberações do contexto pandêmico como impulsionador para a criação performativa.

As vivências possibilitaram escritas e registros de imagens que foram compartilhados nas trocas com os outros participantes dessas oficinas e também no site dessa pesquisa. Esses compartilhamentos das experimentações, se apresentam para espectadores ausentes no ato da investigação, como propõem Veloso e Caon. Elas dizem:

Se nem sempre elas são percebidas no ato de sua exploração, não raramente, elas se apresentam para espectadores ausentes, assumindo outras materialidades artísticas (como relatos, fotos, vídeos e desenhos) que se configuram como rastros ou vestígios dessas intervenções (...). Nesse sentido, quando derivas e travessias são realizadas nas cidades, elas colaboram para a dissolução das fronteiras entre arte e realidade, entre visível e invisível, entre ver e fazer, reconfigurando a função do artista e o modo de usar a arte. (VELOSO; CAON, 2018, p. 76).

Compartilho alguns registros desse processo, que estão presentes no site da pesquisa:



Figura 3. Mapa feito na mão para seguir caminhada no bairro através dele



Figura 5. Caminho vermelho



Figura 6. Florescer



Figura 7. O companheiro Pituti

O site da pesquisa tem o título: “Criações Performativas na cidade” e foi desenvolvido pelo construtor de sites Wix.com. Está disponível no endereço: <<https://raissalafernandes1.wixsite.com/website-1>>.

A terceira investigação feita também na cidade de Crato, foi possibilitada pelo intercâmbio *Deambular en La Pandemia*², entre o grupo de pesquisa Radar 1 e os grupos de pesquisa da Colômbia Semillero Mat (Movimento Arte Território) e o Semillero Fascia. Com mediação de Líria de Araujo Moraes, Ana Milena Busaid e Dyan Julio Arango.

² Encontros de Grupos de Investigação em Artes Cênicas do Brasil e Colômbia, que aconteceram entre abril e maio de 2021.

Os primeiros procedimentos propostos pelos mediadores, consistia em caminhar com alguns comandos por tempo determinado. Voltando para a plataforma virtual para compartilhar a experiência.

Destaco uma investigação de um encontro, onde em uma caminhada, avistei uma mulher que se aproximava de mim sem máscara, naquele momento senti a necessidade de fazer um contorno com distanciamento em relação a ela, para seguir o caminho.

Esse estado de preocupação, já tinha vivenciado no primeiro processo realizado em João Pessoa em 2020. Esse estado de preocupação e tensão que senti no Centro e Mangabeira I, em relação as pessoas não usarem a máscara, ainda permanecia em 2021, nesse encontro vivido no intercâmbio. Através de outros depoimentos, observei que essa preocupação de estar próximo a pessoas sem máscara não acontecia apenas comigo.

Em outro momento de investigação, tive medo de adentrar o caminho de volta para casa quando passei por um posto de gasolina e avistei muitas motos com homens. Em estado de atenção performativa comecei a correr, queria chegar logo em casa. No compartilhamento de um depoimento de Piedad de Los Angeles, integrante do Grupo Semillero Mat, a mesma relatou sensações semelhantes às que tinha vivido, sobre o medo da exposição do seu corpo na rua.

Realizamos em alguns encontros, trocas entre integrantes brasileiros e colombianos. Resultando na investigação e criação de vídeos performativos, desenhos, poesias, imagens, escritos, etc., sobre o que nos atravessava naquele momento.

Na primeira composição feita por mim e minha dupla, Piedad de Los Angeles, dialogamos sobre os lugares que estávamos e sobre a vontade de compor afirmando que o território que pertencíamos era nosso. Surge como resultado compositivo: “Esse lugar é meu”, trazendo movimentos que davam visibilidade a partes dos nossos, como por exemplo, boca, mão, etc.

O procedimento das nossas composições se dava em três momentos: no primeiro partilhávamos sobre o que sentíamos na semana através das caminhadas; no segundo criávamos vídeos, áudios, poesias, etc.; o terceiro, era feito por meio da edição que Piedad desejava investigar.

Nos dois países vivíamos no momento desse intercâmbio situações políticas semelhantes, de abuso de poder por parte dos governantes, situações de intervenção militar e descaso em relação a pandemia.

No segundo resultado compositivo feito por mim e Piedad, focamos na situação política dos nossos países, Eleonora Fabião fala que:

Um performer resiste, acima de tudo e antes de mais nada, ao torpor da aderência e do pertencimento passivos. Mas adere, acima de tudo e antes de mais nada, ao contexto material, social, político e histórico para a articulação de suas iniciativas performativas. (FABIÃO, 2013, p. 5).

Essa composição performativa, foi aguçada por nosso desejo de falar sobre o contexto político dos nossos países e ter essas performances como reflexões para as situações de descaso em relação a pandemia no Brasil e a intervenção que ocorria na Colômbia.

O terceiro resultado artístico teve como foco o nosso direito de estar na rua enquanto mulheres no contexto que estávamos. Como proposto por um dos mediadores, éramos mulheres que performavam no caos, no precário. Criando um resultado artístico que continha um cenário que representava o caos. Destaco que essa composição, foi feita dentro das nossas casas, imprimindo nos movimentos as sensações corporais vivenciadas na rua anteriormente.

No final do intercâmbio, nós fizemos uma mostra online para apresentar os resultados artísticos desenvolvidos durante o processo, com a participação de convidados.

Cruzando essas três experiências práticas desse plano de trabalho, percebo que existem semelhanças e diferenças entre elas. Uma semelhança se encontra na experimentação performativa tendo a rua como dramaturgia para a investigação, onde as trocas e relações com o contexto, foram impulsionadores para reflexões e resultados artísticos, nos diferentes formatos.

As caminhadas foram algo em comum entre as vivências também. O contexto pandêmico possibilitou refletir sobre a criação de estratégias para estar na rua, sobre o descaso por parte dos governantes e cuidado com nossas cidades.

As diferenças dessas experiências, consistem nos formatos dos procedimentos escolhidos para investigação, no primeiro experimento, acredito que a deriva guiou a poética performativa. Trago um conceito de deriva proposto por Veloso e Caon: “Trata-se de um caminhar sem rumo, deixando-se levar pelo sabor dos acontecimentos e pelas pessoas que, eventualmente, encontra-se pelo caminho.” (VELOSO; CAON, 2018, p. 4). Nessa vivência, as afetações nesse retorno para a rua guiaram a investigação.

No segundo experimento, reflito que as caminhadas experenciadas nos encontros do Coletivo Dodecafônico, foram travessias que se configuraram como um trajeto objetivo que visavam percorrer um território que foi definido previamente, conceituação feita por Veloso e Caon sobre a travessia. Nesse estudo, as mesmas falam que essa travessia pode ocorrer em zonas menos urbanizadas e no campo, extrapolando as fronteiras da cidade, como aconteceu nesse processo, que foi desenvolvido na zona rural da cidade de Crato.

No terceiro experimento, as derivas foram sendo moldadas pelos estados corporais das trocas que estabeleci com Piedad de Los Angeles. Os estados de cansaço físico, mental e auditivo faziam parte dessas caminhadas. Também investigávamos a busca por estados de calma e afirmação de pertencimento dos lugares que estávamos.

Ter contato com esses procedimentos de criação ligados a deriva/travessia foi algo que aprendi nesse plano de trabalho. Veloso e Caon citam Francesco Careri, que diz que essas experiências de caminhadas são um momento de virada do pensamento sobre a arte, que extrapola os limites de galerias, museus e explora a ocupação de espaços públicos. As experiências desse plano de trabalho, contribuem para reflexões sobre as criações artísticas na contemporaneidade.

Para Veloso e Caon: (...) trata-se também de uma arte centrada na experiência sensorial, corporal de quem a vive. (VELOSO; CAON, 2018, p. 81). Como nessas vivências, as afetações sensoriais foram sendo impulsionadoras para a investigação.

Destaco que essas experimentações feitas na cidade de Crato - CE não estavam presentes no plano de trabalho. Por questões de dificuldade de acesso a Residência Universitária que residia no centro da cidade de João Pessoa, retornei para a cidade onde meus pais residem, pois sou natural do estado do Ceará, onde minha família se encontra.

No plano de trabalho proposto, não realizei entrevistas devido as limitações de distanciamentos recomendadas. Como estava em espaço urbano e muitas pessoas não usavam a máscara, ter contato de proximidade poderia comprometer a segurança que estabelecia com distanciamento social para as experimentações.

CONCLUSÕES

Concluo que as experimentações práticas tiveram limitações que trazem reflexões para novas configurações de criações performativas na rua nesse contexto. O caminhar como prática artística foi um fator importante para essa pesquisa, tendo

em vista que era possível realizar essas caminhadas sem proximidade das pessoas, buscando novos espaços na rua para se locomover.

O contexto pandêmico é um impulsionador para as reflexões dessa pesquisa, infelizmente ainda estamos na luta contra o vírus e a mais de um ano em isolamento social. Algumas atividades culturais estão retomando e penso que a investigação (consciente e cuidadosa) por novos formatos da arte na rua é um caminho para trazer para mais perto da população, a arte novamente.

O principal objetivo dessa pesquisa, que acredito que foi alcançado, era de estar refletindo através de teoria e prática sobre a arte na rua, como os atravessamentos e relações da rua possibilitaram contribuir para a criação performativa. Destacando que esses cruzamentos tiveram como contexto a pandemia que ainda estamos vivendo.

O desejo de continuar pesquisando enquanto artista criadora, reverbera para o meu Trabalho de Conclusão de Curso, com uma temática que abarca a autobiografia como impulsionadora da criação artística. Para mim é necessário realizar o exercício de entendermos nossos processos criativos (com todos os atravessamentos, posicionamentos) como contribuintes para a criação artística contemporânea, como feito nessa pesquisa prática-teórica que discorri nesse texto.

REFERÊNCIAS

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. Prefácio de Paola Berenstein Jacques: [tradução de Frederico Bonaldo]. I ed. São Paulo. Editora G. Gili. 2013.

CARREIRA, André. **Sobre um ator para um teatro que invade a cidade**. Moringa-Artes do Espetáculo, v. 2, n. 2, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/moringa/article/view/11745>>. Acesso em: 013 de jul. 2020.

FABIÃO, Eleonora. **Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea**. Sala Preta, v. 8, p. 235-246, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57373>>. Acesso em: 15 de jul. 2020.

FABIÃO, Eleonora. **Programa Performativo: O corpo-em-experiência**. Revista do LUME. 2013. Disponível em:

<<https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/download/276/256>>. Acesso em: 15 de jul. 2020.

FORTIN, Sylvie. **Contribuições Possíveis da Etnografia e da Auto-etnografia para a pesquisa na prática artística.** Trad. Helena Mello. Rio grande do Sul: Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2009. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cena/article/view/11961>>. Acesso em: 13 de jul. 2020.

LÍRIO, Vinícius. **Corpo(s) em Deriva: entre passeios performativos e a cena expandida.** X Jornada de Pesquisa em Artes Cênicas da UFPB / I Colóquio de Pesquisa em Artes nas Escolas, p. 545-567, 2019. Disponível em: <https://93f7830a-5c1a-4a60-8b5f-d9a9acc659ea.filesusr.com/ugd/d84573_4a43e60938b7495093a6a423bd3ff170.pdf>.

Acesso em: 18 de fev.

SANTOS, Daniele. Teatro de Invasão: **O Teatro de Rua sobre um chão que se pode soltar.** Universidade Regional de Blumenau, 2016. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/oteatrotranscende/article/view/5074>>. Acesso em: 09 de nov.

VELOSO, Verônica; CAON, Paulina. **Cortar a cidade com os pés: sobre travessias em paisagens brasileiras.** Boitatá Revista. Londrina, 2018. Disponível em: <<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/35127>>. Acesso em: 15 de mar.